

CONTEXTO CAPACITANTE E BA: construindo a representação gráfica de um modelo de Gestão do Conhecimento

ENABLING CONTEXT AND BA: building the graphical representation of a Knowledge Management model

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11175409>

V FORPED PPGOC - UFMG

Fórum de Pesquisas Discentes do
Programa de Pós-Graduação em
Gestão e Organização do Conhecimento

ISSN: 2965-4068

MODALIDADE: TRABALHO COMPLETO



Leandro Cearenço Lima

Doutor em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-4347-8007>

leandrolima.panamericano@gmail.com



Frederico Cesar Mafra Pereira

Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-1971-8069>

professorfredericomafra@gmail.com

Resumo: diversos estudos apontam o Contexto Capacitante como fator que impulsiona a criação de conhecimento. No entanto, delinear a partir de um modelo a representação gráfica de como tal fenômeno ocorreria na perspectiva da Gestão do Conhecimento (GC) se faz necessário em função do baixo volume de publicações que se propõem a essa tarefa. Este artigo é um relato de experiência, resultado de uma tese de doutorado que tem como **objetivo** apresentar como ocorreu a construção da representação gráfica de um modelo explicativo de contexto capacitante e Ba na perspectiva da GC. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória que visa a partir de conceitos e ideias propor uma representação explicativa e replicável de como ocorre um fenômeno. **Resultados:** como resultado o modelo desenvolvido foi delineado a partir de *backgrounds* de bases teóricas e conceituais que tendem a representar um fluxo que pode servir de base para pesquisas em distintas áreas do conhecimento e contextos situacionais. **Conclusões:** conclui-se que a representação gráfica do modelo construído é uma proposta capaz de explicar como os indivíduos que vivenciam um determinado contexto situacional conseguem a partir de trocas em um ambiente físico ou virtual adquirir informações, conhecimento e boas práticas para lidar com o desconhecido.

Palavras-chave: gestão do conhecimento; contexto capacitante; modelo; representação gráfica.

Abstract: several studies point to the Enabling Context as a factor that drives the creation of knowledge. However, drawing from a model the graphical representation of how this would occur from the perspective of Knowledge Management (KM) if necessary due to the low volume of publications that propose this task. This paper is an experience report, the result of a doctoral thesis whose **objective** is to present how the construction of the graphic representation of an explanatory model of Enabling Context and Ba occurred from the perspective of KM. **Methodology:** this is qualitative exploratory research that aims, using concepts and ideas, to propose an explanatory and replicable representation of how a phenomenon occurs. **Results:** as a result, the developed model was designed based on theoretical and conceptual backgrounds that tend to represent a flow that can serve as a basis for research in different areas of knowledge and situational contexts. **Conclusions:** it is concluded that the graphical representation of the constructed model is a proposal capable of explaining how individuals who experience a certain situational context receive information, knowledge and good practices to deal with the unknown through exchanges in a physical or virtual environment.

Keywords: knowledge management; enabling context; model; graphical representation.



1 INTRODUÇÃO

Os modelos são ferramentas representacionais que de forma mais ou menos abrangentes são capazes de contemplar princípios, ideias, conceitos, relações entre conceitos e fenômenos (Campos, 2004), ou seja, são formas de representar o mundo a partir de princípios fundamentais.

No âmbito da Ciência da Informação, sobretudo na Gestão do Conhecimento, autores clássicos como Choo (2003), Takeuchi e Nonaka (2008) abordam a dinâmica dos fluxos da criação, da conversão, do compartilhamento e do uso da informação e do conhecimento a partir de modelagens que se tornaram seminais e que serviram de princípios fundamentais para os estudos mais recentes.

No entanto, ao longo do desenvolvimento da tese que originou esse relato de pesquisa foi realizada em 02 de dezembro de 2022 uma busca preliminar na base do portal de periódicos da Scopus e constatada baixa ocorrência de estudos que se propunham a abordar questões relativas ao Contexto Capacitante, ainda menor era o volume daqueles que apresentassem alguma proposta de novo modelo para tal temática.

Nesse contexto, com base nos princípios da GC e recorrendo aos fundamentos de representação gráfica e modelização de domínios de conhecimento, o objetivo deste relato da experiência de uma pesquisa de doutorado é apresentar como ocorreu a construção da representação gráfica de um modelo explicativo de contexto capacitante e Ba na perspectiva da Gestão do Conhecimento e a partir daí delinear um esquema lógico para posteriormente analisar um fenômeno via teste empírico.

Considerando o modelo explicativo como um dos recursos indicados para explicar e reproduzir fenômenos de comportamento de grupos sociais (Oliveira *et al.*, 2019), a proposta aqui intentada se justifica tanto sob a perspectiva acadêmica devido à possibilidade de replicação em publicações futuras, quanto pelas perspectivas sociais e práticas, uma vez que pode levar à construção de uma ferramenta aplicável para o entendimento de como ocorrem os processos de geração de informações, conhecimento e boas práticas para lidar com contextos distintos.



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico se divide em duas seções. Na primeira se apresentam os fundamentos do contexto capacitante e Ba na Gestão do Conhecimento, os processos motivadores de conversão, compartilhamento e disseminação da informação e do conhecimento. Na segunda seção foram apresentados os fundamentos de modelagem e design de representações gráficas.

2.1 Contexto capacitante e Ba

Apesar do dicionário online *Thesaurus Merriam-Webster* (2023) apontar vinte e seis sinônimos para o termo “contexto”, os que mais se destacam são os derivados “situação” e “espaço ou ambiente”.

De acordo com Cunha (2010), grafado no dicionário etimológico da língua portuguesa, o termo “contexto” é um substantivo masculino que deriva do latim “*contextus*”, e uma de suas definições se traduz como aquilo que está ao redor de algo ou de alguém, um espaço ou um ambiente.

A perspectiva do “espaço ou ambiente” representa um fator que não pode ser ignorado como condicionante para os processos de conversão e compartilhamento da informação e do conhecimento. Nonaka e Kono (1998) apontam que um espaço compartilhado é a base para a criação do conhecimento e pode ser denominado como um ambiente de “contexto capacitante e ‘ba’”.

Definido por Krogh, Ichijo e Nonaka (2001), contexto capacitante constitui-se como fator que impulsiona a criação do conhecimento e o ‘ba’, termo japonês trabalhado pelo filósofo Kitaro Nishida em 1990 e posteriormente por Shimizu em 1995, se refere a um espaço compartilhado, caracterizado como uma rede de interações.

Krogh, Ichijo e Nonaka (2001) desenvolvem o argumento que o contexto capacitante e o ‘ba’ podem ser definidos genericamente como um espaço unificado que envolve recursos físicos, virtuais e mentais para o compartilhamento de informações e ideias.

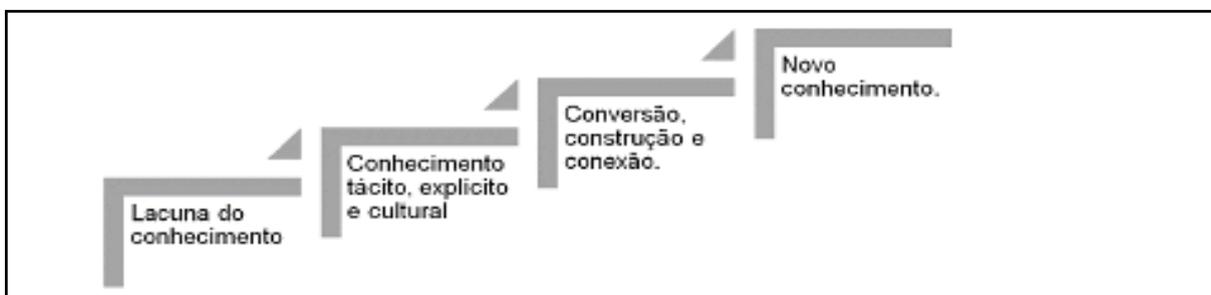


Alvarenga Neto e Choo (2011, p.8), com base em Nonaka e Konno (1998), destacam que o conhecimento não pode ser separado do ‘*ba*’, sob pena de se tornar informação, pois “[...] a informação reside na mídia e é tangível e, por sua vez, o conhecimento reside no “*ba*” e é intangível”. Assim, Alvarenga Neto e Choo (2011) concluem que o conceito de ‘*ba*’ e seus conceitos subjacentes são, de fato, condição *sine qua non* para a criação de conhecimento e processo inovador, embora o ‘*ba*’ ainda seja teórico e empiricamente pouco explorado.

Dias, Pinheiro e Aguiar Filho (2022) argumentam que o conhecimento, em nível pessoal, só pode ser vivenciado em uma realidade, dentro de um ambiente ou sistema que torne viável a sua transmissão. Em análise posterior, Dias e Aguiar Filho (2023) destacam que os ambientes de “contexto capacitante e ‘*ba*” são categorizados como arenas ideais para os processos de mediação da criação e compartilhamento de informações e conhecimento, podendo ocorrer em ambientes físicos ou virtuais.

Dentre os modelos seminais que tratam a temática, se destacam aqueles desenvolvidos por Choo (2003) ao apontar que existe uma lógica na dinâmica da geração de conhecimento, que se inicia com um *gap* que precisa ser preenchido com conhecimentos tácito, explícito e ou cultural; em seguida, há a necessidade de conversão, construção e conexão a partir de *insights*, culminando em novos conhecimentos que devem ser considerados a depender do propósito (FIGURA 1).

Figura 1: Construção do conhecimento



Fonte: Choo (2003) *apud* Dias (2023, p. 46).

Diante dessa lógica, considerando que o conhecimento pode ser criado, compartilhado e transformado, Takeuchi e Nonaka (2008) propõem um esquema, uma representação gráfica que trata do processo de conversão do conhecimento,



conhecido como espiral do conhecimento. Este processo ocorre de forma cíclica e se divide em quatro etapas, conhecidas e representadas como modelo **SECI**, acrônimo para Socialização, Externalização, Combinação e Internalização.

Em representação mais recente, ainda tratando dos motivos de busca de informação e transformação desta em conhecimento, Mafra Pereira (2010), abordou a influência de fatores cognitivos, emocionais e situacionais no comportamento de busca e uso da informação. Mafra Pereira (2010, p.181) tomou como base referencial Brenda Dervin e sua “metáfora do *sensemaking*”, enfatizando que o indivíduo “[...] define a natureza do vazio cognitivo, interpreta-o e define as estratégias para transpô-lo”.

Mafra Pereira (2010) esclarece que, na perspectiva da “metáfora do *sensemaking*”, a lógica do indivíduo é constituída sob a ideia de um trinômio, ou triângulo, nomeado como “situação-lacuna-ajuda”. Nele, o indivíduo se move, em uma direção, através das próprias experiências a fim de criar sentido. Tal trajetória pode ser modelada em representações gráficas.

2.2 Modelagem e representações gráficas

Segundo Oliveira *et.al.* (2019), o modelo explicativo como recurso representativo da realidade fenomenológica de um grupo, nos parâmetros que se pautam em comportamentos sociais são recursos da antropologia, sendo elaborados sobre a experiência concreta, a partir das vivências das pessoas e suas experiências acumuladas.

Oliveira *et al.* (2019), afirmam ainda que a pretensão de um modelo explicativo que explora fenômenos sociais é de se apropriar dos significados e ações, visando o conhecimento sistematizado das maneiras de pensar e agir dos grupos a que se estuda, e os comportamentos observados servem para se identificar razões conceituais subjacentes, não apenas aos comportamentos em si, como também nas lógicas de situações particulares e, por essa via, remontam a um universo de percepções e representações úteis. P

Para Campos (2004, p. 23), o modelo se define como uma forma de abstração para representar o mundo, e dessa forma, “o processo de modelizar



requer o deslocamento do “mundo fenomenal” para um espaço de representação”. Campos (2004) também recomenda que para modelar domínios de conhecimento existem quatro princípios fundamentais.

O primeiro princípio diz respeito ao método de raciocínio utilizado para a organização do conhecimento dentro de um domínio. O segundo analisa como está definido o objeto de representação, ou seja, qual é a unidade de conhecimento que se vai representar. O terceiro diz respeito à relação entre os objetos, objetivando verificar as possibilidades de ligação/separação semânticas entre os conceitos de um dado domínio. O quarto evidencia as formas de representação gráfica que um modelo pode adotar (Campos, 2004, p. 23).

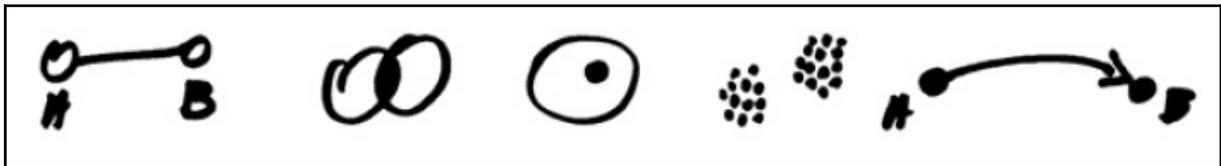
Já a representação gráfica de um modelo pode ser alcançada por meio de diagramas que são técnicas que integram imagem, texto e números em forma de “discurso visual” e se transformou em foco de interesse do design da informação (Barki, 2010). Dessa forma, os diagramas são recursos ideais para sintetizar abstrações em imagens sendo definidos como:

uma estrutura imagética — acompanhada de ilustrações, esquemas gráficos, textos sucintos (em geral blocos de informação), medições, valores e elementos gráficos simbólicos — que deriva de uma ação racional (apoiado ou não por mecanismo lógico de abstração) cujo propósito é o de reduzir e simplificar: visa deixar o mais claro possível, segundo a visão daquele que o produziu, uma informação determinada; uma evidência histórica, um arranjo, projeto, ou proposta; uma interpretação; uma explicação; um sistema; um mecanismo; uma operação matemática e até mesmo um argumento lógico ou filosófico (encadeamento de enunciados e conclusão) (Barki, 2010, p. 3).

Conforme Barki (2010), existem dois principais aspectos para a compreensão de um diagrama, sendo um deles a sintaxe lógica que são as relações formais claras e o padrão visual que resultam em esquemas perceptuais, intelectuais e operacionais capazes de permitir o relacionamento de coisas, eventos ou até mesmo de situações materializando explicitamente a partir de notações visuais (FIGURA 2).



Figura 2: Notações visuais rudimentares de um diagrama



Fonte: Barki, 2010, p. 6.

A partir destes poucos elementos é possível reproduzir uma gama de notações em alto nível de complexidade com valor expressivo de propriedades de compreensão e abstração combinando diagnóstico e prognóstico de forma direta e simples (Barki, 2010). Então com estes recursos visuais rudimentares é possível representar em um mesmo modelo os grupos, as conexões, os fluxos de movimentos, os aspectos de quantidade e agrupamento.

No campo do design da informação um exemplo de diagrama muito comum é o diagrama de Venn que serve de referência para agrupamento que demonstra a categorização de determinados agrupamentos de elementos (Lima, 2015). Os diagramas de Venn recebem esse nome porque foram desenvolvidos pelo matemático britânico John Venn.

Dá-se o nome de diagrama de Venn a todo o diagrama que possibilita a visualização de propriedades e de relações entre um número finito de conjuntos. Os **diagramas de Venn** são representados por linhas fechadas, desenhadas sobre um plano, de forma a representar os conjuntos e as diferentes relações existentes entre conjuntos e elementos (Martins, 2014, p. 1).

Apesar de idealizado ainda no século XIX como forma de expressar e organizar conjuntos e relações matemáticas lógicas, o diagrama de Venn continua sendo utilizado devido a sua capacidade de sintetizar temas abrangentes. Isso faz com que seja um recurso que extrapola a área da matemática servindo de ferramenta de representação para as mais diversas áreas das ciências superando as limitações contidas nos diagramas anteriores propostos por Leibniz no século XVII e por Euler no século XVIII (Barki, 2010).

3 METODOLOGIA



De acordo com Gil (2002), uma pesquisa deve ter sua tipificação clara e precisa com o devido delineamento de natureza e abordagem utilizada. Dessa forma, vale destacar que este artigo é um relato de experiência que partiu da intenção de ser uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo indutiva, pois, assim como orienta Creswell (2010), reuniu informações detalhadas e então as transformou em temas que envolveram padrões e até mesmo generalizações capazes de serem comparadas com experiências e literatura sobre o tema.

Um relato de experiência exprime produção de conhecimento oriunda da vivência acadêmica ou profissional do pesquisador, contém embasamento teórico científico e reflexão crítica (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Este relato teve como base a tese de doutorado intitulada Gestão da Informação e do Conhecimento em redes sociais virtuais: Proposição de um modelo explicativo para busca de informação e geração de conhecimento para lidar com o autismo. Tal tese teve como objetivo elaborar e validar um modelo explicativo de Contexto Capacitante.

Quanto ao tipo, esta pesquisa se caracteriza como descritiva que conforme definição por Triviños (1987) é um tipo de estudo que pretende descrever fatos e fenômenos de uma dada realidade. Ou seja, representar como ocorreu a formulação da representação gráfica de um modelo que demonstra o fluxo que capacita o indivíduo no processo de geração de informações e conhecimento para lidar com um determinado contexto.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

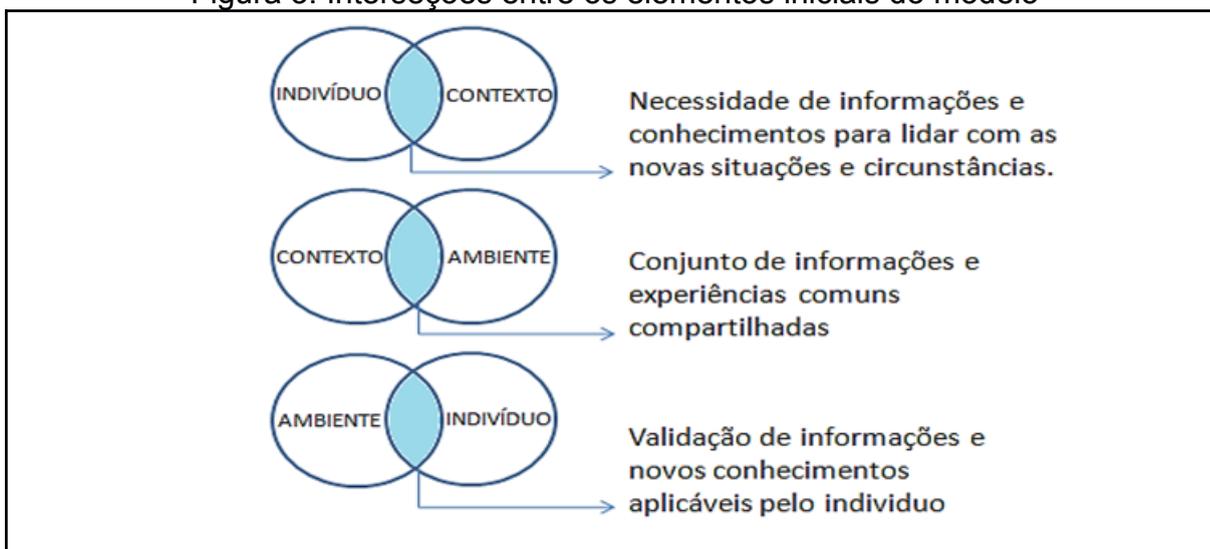
Após revisão da literatura sobre os fundamentos de Contexto Capacitante e Ba na perspectiva da Gestão da Informação e do Conhecimento, bem como dos processos motivadores de conversão, compartilhamento e disseminação da informação e do conhecimento, foram identificados três elementos comuns e fundamentais para o desenvolvimento inicial do modelo de pesquisa, sendo eles, 1) Indivíduo, 2) Contexto e 3) Ambiente (espaço físico ou virtual).

Partindo desses três elementos iniciais o modelo começou a ser formulado, considerando que o (i) Indivíduo busca e gera continuamente informações e conhecimentos, movido por um conjunto de situações ou circunstâncias advindas do



(ii) Contexto. No entanto, se faz necessário um (iii) Ambiente, um espaço de contexto capacitante e 'Ba', seja ele físico ou virtual, que possibilita as interações necessárias para a criação e compartilhamento de informações e conhecimentos (FIGURA 3).

Figura 3: Interseções entre os elementos iniciais do modelo



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O diagrama de Venn considera os conjuntos de elementos e suas relações. Seguindo essa lógica, percebe-se que há confluência entre os elementos Indivíduo e Contexto, tendo como resultante a necessidade de informações e conhecimentos do primeiro para lidar com as novas situações e circunstâncias vividas no segundo.

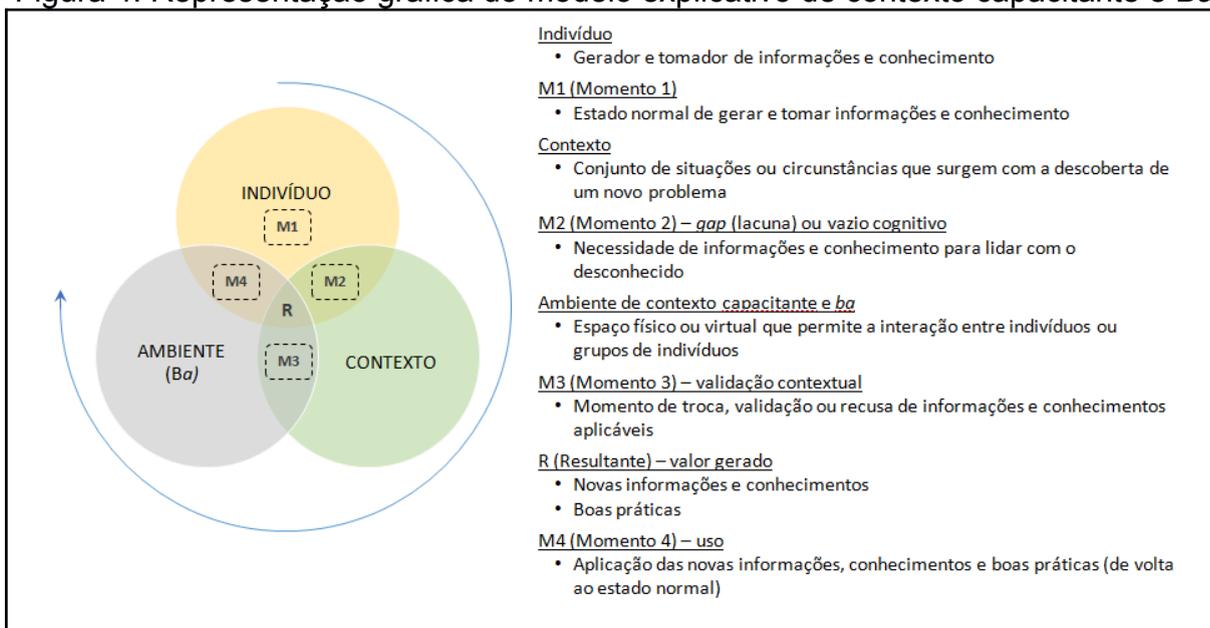
Já a confluência entre o Contexto vivido pelo grupo de indivíduos e o Ambiente de interação, resulta em um conjunto de informações e experiências comuns e compartilhadas coletivamente. Por fim, esse Ambiente funcionaria como uma ferramenta de contexto capacitante ou um 'Ba' de validação de informações compartilhadas, que gerariam novos conhecimentos que poderiam ser aplicados pelo indivíduo.

Já para explicar a direção em que o indivíduo se deslocaria nesse fluxo de Contexto Capacitante, foi incluída uma seta, considerando o sentido do fluxo da espiral de conhecimento formulada por Takeuchi e Nonaka (2008) indicando um processo de conversão do conhecimento, bem como a ideia do trinômio, ou



triângulo, nomeado como “situação-lacuna-ajuda” representado por Mafra Pereira (2010) para indicar o caminho percorrido (FIGURA 4).

Figura 4: Representação gráfica do modelo explicativo de contexto capacitante e Ba



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Dessa forma, fica explicada a lógica da representação gráfica do modelo proposto que, a cada novo ciclo, passando pelas interseções dos elementos o indivíduo se desloca na situação-lacuna-ajuda (iniciando a partir de um contexto, deste para o elemento ambiente de interação, e retornando novamente para o elemento indivíduo), tem-se os conhecimentos e boas práticas validadas contextualmente de forma constante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este relato de experiência é uma apresentação da lógica da construção de um modelo gerado em um projeto de tese já concluído, diante dos resultados, pode-se afirmar que o *desing* do modelo explicativo proposto foi demonstrado teoricamente como uma representação do percurso de geração de conhecimento em ambiente de contexto capacitante e Ba.



Este relato de pesquisa permite apontar ainda que, a explicação da lógica do *design* de elaboração de um modelo explicativo é justificável, pois é único, e traz à baila uma temática ainda pouco percebida na literatura, uma vez que objetiva relatar um processo de concepção e toda a abstração envolvida.

A análise preliminar realizada na literatura constata que o diagrama de Venn continua sendo útil em grande parte dos modelos formulados, sejam eles explicativos, preditivos ou prescritivos. Neste estudo foi possível conjecturar conceitos de Contexto Capacitante e Ba, de Gestão do Conhecimento e de modelagem para explicar fenômenos de informação e conhecimento.

Sugere-se que este modelo proposto possa servir de ferramenta para teste empírico em estudos futuros que considerem contextos situacionais diversos, com o uso de variadas técnicas de pesquisa e ferramentas auxiliares de acordo com as características contextuais intencionadas.

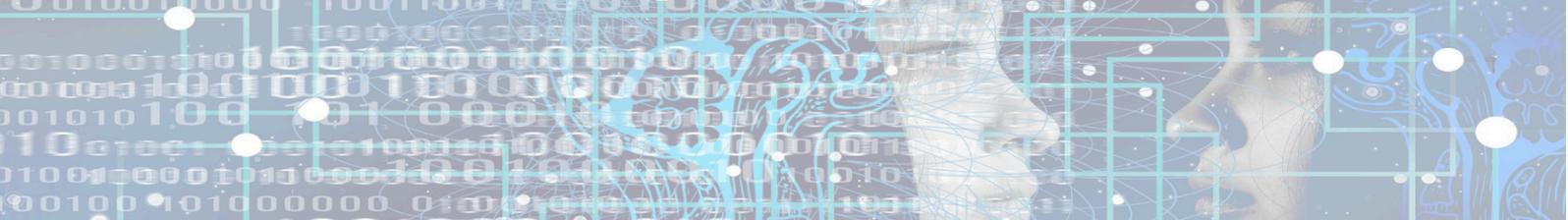
A proposta modelizada para teste empírico neste relato pode ser aplicada em ambiente físico ou virtual, se valendo tanto de coleta de dados automatizada em plataformas digitais, quanto via entrevistas individuais em profundidade para obter as informações necessárias para entendimento e avaliação crítica do percurso de geração de informação e conhecimento no contexto situacional a ser averiguado.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de bolsa de fomento Pós-Doutorado Junior (PDJ).

REFERÊNCIAS

ALVARENGA NETO, R. C. D.; CHOO, C. W. Expanding the concept of Ba: managing enabling contexts in knowledge organizations. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, p. 2-25, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/LPYjqxpqtVBCtkR99Cc9B3t/abstract/?lang=en>. Acesso em: 01 abril 2024

BARKI, J. Diagrama como discurso visual: uma velha técnica para novos desafios. In: **Anais do Congresso Internacional EGA**, Valencia. 2010. <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/092.pdf>. Acesso em: 01 abril 2024



CAMPOS, M. L. A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, v. 33, p. 22-32, 2004.

<https://www.scielo.br/j/ci/a/CyYd3Km3xzTdmf5DzxxQd3h/?lang=pt>. Acesso em: 01 abril 2024

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003. 426 p.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Metodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**, Ed. 3, ARTMED, 2010.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. Ed. Rio de Janeiro, Lexikon Editora, 2010.

DIAS, F. D. **Contexto capacitante digital: contribuições do YouTube® na criação e compartilhamento da informação e do conhecimento gastronômico brasileiro**. Orientador: Armando Sergio de Aguiar Filho. 2023. 181 f. Tese (Doutorado) – Curso de Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.fumec.br/xmlui/handle/123456789/171>. Acesso em: 01 abril 2024

DIAS, F. D.; AGUIAR FILHO, A. S. MÍDIAS SOCIAIS E CONHECIMENTO: análise do potencial da existência do bá digital. **Código 31: revista de informação, comunicação e interfaces**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em:

<http://revista.fumec.br/index.php/codigo31/article/view/9280>. Acesso em: 01 abril 2024

DIAS, F. D.; PINHEIRO, M. M. K.; AGUIAR FILHO, A. S. Interação, Ba e conhecimento: uma análise do youtube® como canal de compartilhamento do conhecimento no contexto da gastronomia. **Informação & Informação**, v. 27, n. 1, p. 604-624, 2022. Disponível em:

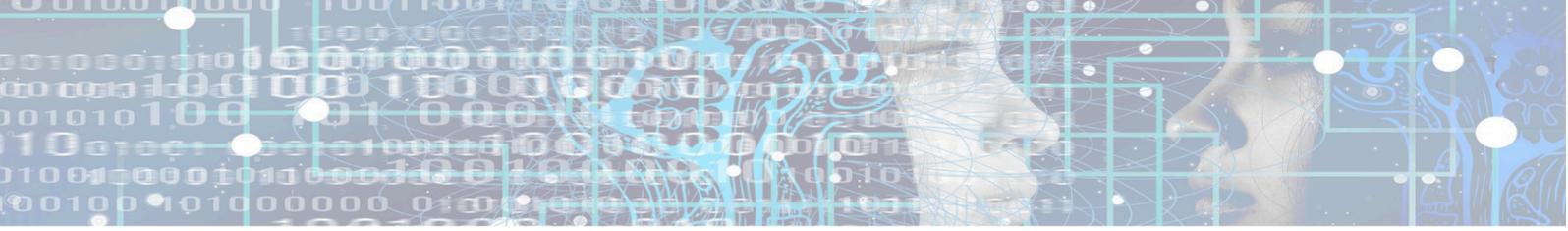
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44984>. Acesso em: 01 abril 2024

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, v. 4, 2002.

KROGH, G. V.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criação de conhecimento: reinventando a empresa com o poder da inovação contínua**. Rio de Janeiro: Campus, 2001. Disponível em: <https://shre.ink/HGas>. Acesso em: 01 abril 2024

LIMA, R. O. C. O que é infografia jornalística?. **InfoDesign-Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 12, n. 1, p. 111-127, 2015.

<https://infodesign.emnuvens.com.br/infodesign/article/view/312>. Acesso em: 01 abril 2024



MAFRA PEREIRA, F. C. Necessidades e usos da informação: a influência dos fatores cognitivos, emocionais e situacionais no comportamento informacional de gerentes. **Perspectivas em Ciência da informação**, v. 15, p. 176-194, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/LKnvCSs5JXLw5qBb4nk7BHN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abril 2024

MARTINS, M. E. G. Diagrama de Venn. **Revista de Ciência Elementar**, v. 2, n. 1, p. 1-2, 2014. https://web.archive.org/web/20220227010353id_/https://rce.casadasciencias.org/rce/app/static/docs/artigos/2014-020.pdf. Acesso em: 01 abril 2024

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf>. Acesso em: 01 abril 2024

NONAKA, I.; KONNO, N. O conceito de “Ba”: criando bases para a criação do conhecimento. **California Management Review**, v. 40, p. 40-54, 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2307/41165942?journalCode=cmra>. Acesso em: 01 abril 2024

OLIVEIRA, E. M. *et al.* Esperança x sofrimento nas mídias sociais: o que motiva seguidores do Instagram a seguir a temática câncer? **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 13, n. 4, p. 784-802, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/38747>. Acesso em: 01 abril 2024.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. Criação e dialética do conhecimento. **Gestão do conhecimento**, v. 12, p. 17-38, 2008. Disponível em: <https://statics-americanas.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/6818253.pdf>. Acesso em: 01 abril 2024

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.